



P.V.P. 5,95 €

preço único colecção BIS

Capítulo primeiro

Num dia de Abril de 1957, pela hora da tarde, apareceu em certa aldeola da costa um automóvel aberto, rápido como o pensamento.

Já alguém tinha dado por ele quando ainda vinha à distância, roncando pela estrada fora. De longe, como era vermelho, vermelho-vivo, lembrava uma chama de rastilho a romper no asfalto por entre mar e cabeços.

«Que terra é aquela?», perguntou uma rapariga que vinha lá dentro.

«São Qualquer-Coisa», respondeu-lhe o homem que a acompanhava. «São Rafael, parece-me.»

Era pessoa dos seus quarenta anos ou nem isso. Guiava de largo, cabeça para trás, mão pousada no volante. À parte o cabelo ralo e o olhar suave, todo ele, pele e gestos, tinha um aspecto terra a terra: dedos ossudos, pulsos chatos, unhas rasas, cor e modos de camponês – melhor: de descendente de camponês. Vinha de camisolão grosso, cachimbo nos dentes.

Este ar de terra a terra é fácil de perceber-se nalguns infantes da lavoura que gastam a maior parte da vida nas grandes capitais. Nesses, as falas provincianas e o tom com que se dirigem aos criados são coisas cultivadas, uma espécie de marca de estirpe para os diferenciar

do resto dos mortais que não têm terras nem passado para lá da cidade. São outra gente; gozam a paz da fortuna e das famílias, bebem vinho tinto nos bares do Guincho ou de Cascais sem que alguém lhes leve a mal. Julgam, em suma, a cidade à medida da aldeia. E passeiam-se nela.

«Como os velhos reis», costumava dizer o homem do carro vermelho; e nisso havia uma pontinha de desdém até por ele próprio. «Como os monarcas que desciam à rua para enriquecer o sangue nos ventres populares.»

No entanto, ele, indivíduo de modos terra a terra, não se podia comparar a qualquer dos ditos infantes da lavoura. Se tinha esse à-vontade seria em parte pelo descuido que dá a segurança, e muito principalmente por cansaço, por desencanto.

Ia, pois, este homem ao volante e ao lado dele a rapariga. Saíram da estrada por um atalho abandonado, todo pedras e buracos, e a companheira leu numa placa à entrada do povoado:

«São Romão.»

«Exactamente, São Romão.»

Povoado, povoado, não seria muito justo chamar a meia dúzia de casas assim, perdidas por esquecimento no alto das falésias. Casas? Também nem isso. Um punhado de gaiolas, quando muito – gaiolas de adobe e facheiro, empoleiradas sobre o oceano e com ventos e gritos de aves marinhas a salpicarem-nas de cima. Ruas, uma só; aquela por onde o carro avançou, de rádio aberto e antena a dar a dar

*I'll get by
as long as I have you...*

A rapariga abriu mais o rádio:

«Adoro a voz deste tipo.»

Casas à esquerda, casas à direita, redes apodrecidas e covos de lagosta pendurados nas paredes. É o carro aos bordos pelo meio daquilo. Parecia uma barca radiosa a vogar num mundo antigo.

«Que fedor», queixou-se a rapariga.

O companheiro sorriu:

«É das redes. Quando estão muito tempo sem ir ao mar deitam este cheiro.»

Saltou-lhes um cão ao caminho. Ladrava como um desesperado, cuspiam lume pelos olhos, empinando-se ao lado do automóvel. Magro que se lhe contavam as costelas.

«Leão», gritou-lhe uma voz. «Leão.»

A moça que ia no carro voltou-se; a voz sumiu-se por encanto. Nem vivalma. Então desligou o rádio e repetiu:

«Fedor, santo Deus.»

A rua de São Romão tinha tanto de acanhada como de torta, cheia de valas e pedregulhos. O automóvel quase que a tapava a toda a largura, e depois, com aquele cão desalmado a acompanhá-lo, não lhe ficava um palmo livre de parede a parede.

«Foge, desgraçado», avisou o homem, baixinho.

Logo adiante havia uma taberna – devia ser uma taberna por causa do ramo de louro à entrada. Um vulto que atravessava a rua esgueirou-se lá para dentro e os dois viajantes, como seguiam devagar, tiveram tempo de ver no fundo da loja uma fila de pessoal alinhada contra o balcão mas de olhos na porta. Quedos, mudos, e de olhos na porta. A barca navegava entre esperas, perseguida pelo cão de Lázaro e pela brisa empestada de peixe.

«Gosto disto», segredou a jovem. «Esta gente tem personalidade.»

Capítulo segundo

Passada a povoação, acharam-se num campo ermo estendido a perder de vista pelas falésias da costa. Era um verdadeiro deserto suspenso sobre o mar, um descampado à flor dos altos rochedos que rompiam lá dos abismos das águas e que, a bem dizer, representavam os ossos da terra, aquilo que aguentava a terra para não se desmanchar.

O carro chegou a esse deserto ou a esse descampado e, acto contínuo, apearam-se os viajantes – o homem de quarenta anos, se tanto, e a companheira¹. Dizia esta olhando em redor:

«Mas isto é estupendo, João. Nunca imaginei que houvesse um sítio tão espantoso. É livre, é bom.»

De pé, em pleno areal devorado pelas unhas dos cardos e pelos ventos de todo o ano, mais alegre se tornava a figura dela. Trazia um casaco de inverno e, por baixo, camisola e calças de passeio, tudo de bonitas cores. Por essa razão, e também por ser bem-feita de formas, muito esguia, muito ágil, era um grito de vida a tremular entre tanta desolação. Girava nos calcanhares, de casaco

¹ Guida Sampaio, vinte e três anos, licenciada, salvo erro, em Filologia Germânica pela Universidade de Lisboa.

aberto ao vento, à roda, à roda, como uma criança no recreio.

«É bom, é livre.» O viajante tinha a frase de ouvido. Uma jovem que diz «isto é bom, é livre» considera-se, com toda a certeza, encantada consigo mesma por ter empregado palavras tão simples que para ela são sinais de pureza, dotes de poeta. Acontece assim em muitos casos, em certas pessoas a busca de coisas menos complicadas é ainda um meio complicado de procurarem dar encanto a um dado momento. Um jogo a sós – «mas demasiado à vista», observou o homem, «um pequeno vício para uso doméstico».

Ele, que toda a vida desprezara jogos a sós, voltou para o carro. Ia despir-se. Em pouco tempo seriam horas de começar o ataque aos sargos de lista escura que na vazante abandonavam as cavernas das falésias e vão à vida, longe da costa.

Sabia que as águas ali eram fundas, mesmo junto aos rochedos, duas, três braças e mais. Mas também sabia que naquele lugar, tão habitado por peixe grosso, tinham sido vistas as temíveis pata-roxas, mais ou menos do feitio dos cações mas ferozes porque se atiram ao pescador. Precisava de ir prevenido, mergulhar fundo e longe da rebentação para alcançar os sargos de lista escura. E dardo certo, mão firme. Dardo certo e nada de frio porque tinha de suportar uma grande viagem.

Depois de se despir foi buscar a espingarda e mediu-lhe os extensores. Em seguida o arpão. Mirou-o e remirou-o para saber se estava desempenado e de molas afinadas. Um arpão torto é pior do que um cartucho de má espoleta: não segura a caça e pode mesmo quebrar com os esticões do peixe. Depende do aço.

«Sim, mas este é bom. Nem um espadarte, nem um congro de setenta quilos eram capazes de vergar uma ponta tão forte e tão bem temperada.»

Arrumou todos os preparos com a maior paciência – espingarda, barbatanas, faca e escafandro, e, para terminar, a garrafa de ar comprimido.

A companheira tinha-se chegado. Fumava e olhava. Não tardou muito, disse:

«Deve ser terrível o espectáculo do fundo do mar.» E logo a seguir: «Ou maravilhoso, quem sabe? Terrível ou maravilhoso como muitas coisas que há no mundo. Será assim, João?»

O homem bem a ouvira, bem. Mas não quis adiantar conversa, preocupado como estava com a caça aos sargos e com a luta que possivelmente iria travar com alguns deles. Pôs-se a fazer movimentos para se aquecer. Tronco dobrado, para baixo e para cima, um, dois, um, dois, e neste vaivém dizia em pensamento: «Terrível ou maravilhoso, aí está um verso de mau poeta. Terrível ou maravilhoso.» E em voz alta: «Ouça uma coisa, Guida. Você nunca fez poesia?»

Não esperou pela resposta; ou pelo menos não precisou de a saber.

«Fez», concluiu logo a seguir; mas só para ele e sem parar os exercícios. «Fizeste a tua poesiazita, claro que fizeste. Um, dois... Terrível ou maravilhoso... um, dois... Tudo é terrível enquanto se não conhece. Diário aos quinze, poesia aos vinte. Um, dois... abaixo, acima... um, dois...»

Vendo-o naquilo, Guida, a rapariga, calculou (com algum desgosto, mas enfim) que ele passasse às corridas de peito feito e ao pino, como é uso no primeiro encontro da praia.

Calculou mal, pelos vistos. O homem foi simplesmente ao carro buscar toalhas e um frasco de óleo contra o frio.

«Eu ajudo-o», apressou-se ela.

Capítulo terceiro

Guida espalhava o óleo no corpo do companheiro. Esfregava-o com a mão direita, na outra tinha a toalha e o cigarro.

«Um corpo é realmente uma coisa admirável, não é?»

«Obrigado pela parte que me toca», respondeu-lhe o homem. Sorriu por cima dela, para longe; um sopro de sorriso, não mais.

Guida não pôde ver esse sorriso. Estivera, e continuava a estar, muito ocupada em observar o calor que ia levantando na pele do companheiro, com mão lenta e aplicada. Lá de tempos a tempos desviava a cara para puxar uma fumaça do cigarro e nesse movimento soltava-se-lhe dos cabelos um perfume morno.

Mas a mão ia-se demorando, chegava a parar; avançava de novo, menos certa, menos firme. A mão, adivinhava-se, tinha-se tornado pensativa. «Porque será que certos homens gostam de tatuagens?»

«Tatuagens? A que propósito vêm agora as tatuagens?»

«Não sei, João, lembrei-me. Conheci um tipo que tinha uma nas costas daqui até aqui. É esquisito, não é?»

Falava em tom manso, com a mesma lentidão com que percorria o corpo do companheiro, agora mal o tocando, aflorando-o apenas na ponta dos dedos.

«Ainda se fossem só exibicionismo», continuou Guida, «ou ridículo, ou feira de virilidades, se fossem só isso, enfim, que se lixassem as tatuagens. O pior é que estão carregadas de ritual, as tatuagens, carregadas de superstição. No fundo não passam dum ritual religioso para eternizar a autoridade. Ou os sentimentos, vem a dar no mesmo. Oh, mas aquela era horrorosa. Era uma serpente a cores ou coisa assim, um horror. Com espinhos, ainda por cima.»

O homem sentia os dedos distantes com que ela cercava as palavras. Deslizavam-lhe nas costas, uma, duas, dez vezes, na mesma zona da pele, seguindo o contorno de um desenho imaginado (provavelmente, o desenho da cobra com espinhos), e tudo isso era grave e discreto como o desprender de uma memória. Depois, calada a voz, a mão calou-se também.

«Que se passa?» perguntou ele, de si para si. E nisto achou-se com o rosto da rapariga contra o peito.

Primeiro esteve queda, confortada, como alguém que descansa num corpo amigo; a seguir deixou cair a toalha, deixou cair o cigarro, e de repente inteiriçou-se, muito pegada a ele, de olhos fechados e dedos nervosos.

Sem saber como, o homem pôs-se a afagar-lhe os cabelos.

«Ajude-me», suspirava Guida.

O companheiro lançou para além dela, muito para além, o mesmo sorriso cansado de há pouco. Raras vezes se terá visto quadro tão estranho: uma rapariga a sacudir a cabeça, desesperada, e um homem sorrindo tristemente para a paisagem, certo de que a tempestade iria passar.

Como de facto passou. Instantes depois Guida recuava um passo e ia sentar-se no chão, quebrada, numa

grande fadiga. Procurou um cigarro, tremia dos pés à cabeça:

«Estou cheia de frio. Coisa ridícula, que estupidez.»
«Quer a minha camisola?»

Não serviria de nada. Guida tinha frio e, não percebia, estava estranha, afogueada. Fumava desalmadamente, podia ouvir-se o arder do cigarro quando o sugava com tamanha ânsia.

«E um golo de whisky, Guida? Tenho uma garrafa no carro, quer?»

Não respondeu. Nem sim, nem não; limitou-se a baixar a cabeça.

Então o homem foi ao automóvel e na volta trouxe a bebida e o camisolão. A companheira continuava sentada, mas desta vez tapando o rosto, como se chorasse.

«Que coisa. Que raio de coisa.»

Fez que não, com um gesto, ao frasco de bolso que ele lhe pôs à frente; aceitou por aceitar o camisolão e mesmo assim mal lhe tocou. Só sabia abanar a cabeça, desgostosa com ela própria.

O homem, já que ela não bebia, bebia ele: levou a garrafa à boca numa golada funda e saborosa. Feito isso, tirou cuidadosamente o cigarro que a rapariga tinha na mão para puxar, ele próprio, uma ou duas fumaças; sempre com os mesmos cuidados, tornou a colocar-lho nos dedos. A jovem era como se não desse por nada – limitava-se a olhá-lo, olhos nos olhos.

«Não leve a mal, peço-lhe.»

«Levar a mal, porquê?»

Agora já Guida se podia levantar, um pouco mais senhora de si. No entanto havia qualquer coisa nela que ainda não tinha passado. Vergonha, remorso, qualquer coisa. Compreendia que estava num beco cego e falso e não seria o amigo quem lhe ia estender a mão para a tirar de lá. Desamparada, pôs-se a sacudir o camisolão que ele lhe tinha dado. Riu:

«Antigamente dizia-se que o homem... Como é? Espere, já me lembro: *O homem é fogo, a mulher estopa, vem o diabo e assopra.*»

«O diabo assoprou, foi isso?»

«Não sei. Só sei que podíamos ter estragado a tarde com esta idiotice. Não levou a mal?» Apertou o camisolão contra o peito. E depois, dobrando-o e alisando-o: «Palavra que não levou a mal?»

«Palavra», respondeu o companheiro.

Guida sentiu-se outra. Num salto de contente, abraçou-se a ele e beijou-o na face. Trazia fumo, reconhecimento e alegria:

«Obrigado.»

«O beijo do cigarro», pensou o homem.